

Questões Teóricas Sobre Resiliência: Perspectivas Para A Promoção De Saúde Comunitária

Ana Maria Nunes El Achkar ¹, Maria Angela Mattar Yunes ²

¹(Programa De Pós-Graduação Em Psicologia (Mestrado E Doutorado)/ Universidade Salgado De Oliveira - Universo, Brasil)

Resumo:

Uma das mais relevantes contribuições das pesquisas sobre resiliência é a elucidação sobre as metamorfoses pessoais e sociais que resultam em vida saudável e acima das expectativas em situações de perdas, traumas, guerras, desastres ou inevitáveis catástrofes pessoais ou da natureza. Na Psicologia, mesmo com os autores em constante busca pela tão almejada consistência conceitual, ainda existem muitas controvérsias sobre os significados e perspectivas da resiliência enquanto fenômeno humano. No entanto, é consenso que se trata de um construto que apresenta uma ênfase salutogênica e que dessa forma, encontra interfaces com práticas de proteção, gestão positiva de recursos psicossociais e de promoção de saúde. Embora os conhecimentos acerca de resiliência não cheguem a constituir uma teoria, esses têm contribuído para implementar crenças mais otimistas sobre o desenvolvimento humano e desconstruir atitudes e práticas sociais negativas que desconsideram as potencialidades de indivíduos, grupos e comunidades em suas respectivas culturas e endereços sociais. Esse artigo visa progredir na discussão sobre Saúde Comunitária, sugerindo que o conceito de resiliência pode ter sua importância fundamentada na capacitação e no treinamento de profissionais que lidam com comunidades em condições de risco psicossocial. Tal diálogo pode gerar debates sobre políticas públicas de saúde que tenham como alvo discutir práticas de bons tratos que possam garantir os direitos fundamentais a saúde e desenvolvimento pessoal, familiar e comunitário de populações em situações de risco psicossocial. No presente texto, trataremos de discutir primeiramente as questões teóricas sobre resiliência enquanto construto sob escopo do movimento da Psicologia Positiva. Na sequência, será apresentado como o sistema de crenças individual ou coletivo pode favorecer ou prejudicar a promoção de processos de resiliência em indivíduos e grupos. Por último, o artigo tratará de abordar como propostas de intervenção, a partir da formação de profissionais e agentes sociais pode possibilitar a (re) formulação, a (re) construção e a (re) elaboração de visões e práticas educativas com resultado positivo e coletivo de movimentos sociais em comunidades.

Palavras-chave: Resiliência; resiliência comunitária; recursos psicossociais; práticas de proteção e cuidado; promoção de saúde.

Date of Submission: 16-10-2024

Date of Acceptance: 26-10-2024

I. Introdução

As contínuas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, tanto no Brasil quanto globalmente, demandam uma reinvenção na maneira de gerir crises que provocam impactos na saúde das comunidades e obstruem o integral desenvolvimento humano. Assim, é necessário que as entidades encarregadas de administrar a saúde, sejam do setor público, privado ou universitário, entrem nas comunidades e transponham as barreiras intramuros. Para isso, é essencial compreender as necessidades das pessoas que lá vivem. Nesse cenário, o papel das universidades é crucial, dado seu caráter de ensino, extensão e pesquisa na formação de profissionais e agentes sociais (CORADO et al., 2014; MACCIÓ, 2011).

De acordo com Loureiro, Miranda e Miguel (2013), a partir de uma perspectiva de adaptação social e adequação às situações, a saúde insere-se num quadro conceitual organizador dos recursos individuais e coletivos. Dessa forma, compreende-se que a saúde é fator fundamental para o desenvolvimento, pois os indivíduos e as populações saudáveis podem otimizar sua capacidade de adaptação às mudanças.

Contudo, é de acordo com as circunstâncias e os valores das sociedades que a percepção ou a definição de saúde varia, no espaço e no tempo. Mas, a saúde deve constituir-se sempre como um instrumento para promover a qualidade de vida (LOUREIRO; MIRANDA; MIGUEL, 2013; SARRIERA, 2011). Seguindo esta premissa, o nível de saúde é um padrão de referência face ao qual se pode estabelecer se uma sociedade é, ou não, bem-sucedida (LOUREIRO; MIRANDA; MIGUEL, 2013), pois a saúde pode ser medida através da sua contribuição

para assegurar os padrões de vida material, social e cultural, necessários ao desenvolvimento pleno das capacidades humanas (RANGEL; MONREAL; RAMSEY, 2016; SARRIERA, 2011).

Porém, apesar de a saúde ser um investimento no progresso humano e econômico, a segurança e a proteção à saúde são os alicerces da proteção à vida humana. São ações essenciais que, sem elas, a batalha contra a pobreza e a garantia de um desenvolvimento sustentável se tornam mais vulneráveis (LOUREIRO; MIRANDA; MIGUEL, 2013; SAFORCADA, 2012). Um aspecto fundamental é o de compreender que os eventos experimentados como parte das adversidades, sejam de ordem natural ou sociopolítica e cultural, vividas em comunidade representam estressores diários relacionados a sintomas tais como, tristeza, depressão e ansiedade. Além disso, há o agravante da violência sistemática e crescente que leva à fragmentação do tecido social e limita a recuperação, dificultando o enfrentamento individual, familiar e coletivo (ALMANZA-AVENDAÑO; LUIS; GURROLA-PEÑA, 2018).

No entanto, este mesmo impacto da violência comunitária na saúde pode ser reduzido através dos processos de resiliência (ALMANZA-AVENDAÑO; LUIS; GURROLA-PEÑA, 2018; MÉNDEZ et al., 2018). A ideia e o conceito de resiliência na psicologia da educação, da saúde, social e do desenvolvimento propõe uma mudança de olhar. Entretanto, apesar da constante busca dos autores pela tão almejada consistência conceitual, há muito a ser percorrido nas ciências sociais e humanas uma definição unânime do conceito.

Portanto, é fato que há inúmeras controvérsias de significados e enfoques sobre resiliência enquanto fenômeno humano. Isso provocou que o construto passasse por uma evolução teórica ao longo dos últimos anos. Inicialmente o foco estava nos recursos individuais, internos e inatos utilizados para enfrentar as diversas fontes de adversidades eventuais da vida das pessoas (FLETCHER; SARKAR, 2013; OLIVEIRA; MORAIS, 2018; YUNES, 2003; YUNES, 2015). Posteriormente, incorporaram-se as análises de fatores de proteção ambiental e as relações com os diferentes contextos (ACHKAR; YUNES, 2019; CABRAL; CYRULNIK, 2015; MASTEN, 2014).

Desta maneira, diferentes definições foram sendo elaboradas sobre resiliência: algumas incluem o componente da adaptabilidade (FERGUS; ZIMMERMAN, 2005); outras sustentam que o fenômeno é uma capacidade ou habilidade (MASTEN, 2018; OLIVEIRA; MORAIS, 2018); outrossim, há pensadores que tratam da resiliência como produto da conjunção de fatores internos e externos (ZOLKOSKI; BULLOCK, 2012). Pesquisadores contemporâneos consideram a resiliência como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilita a ressignificação de crenças e comportamentos, apesar do ambiente adverso (COIMBRA; FONTAINE, 2015; MASTEN, 2014; 2018; YUNES, 2015). Essa abordagem ecossistêmica considera o processo de ressignificação dos riscos e das adversidades como resultante da relação dinâmica entre o indivíduo e seu meio ambiente.

Todavia, as definições de resiliência enquanto processos dinâmicos que recebem influências das características e competências individuais, mas organizam-se e expressam-se a partir de interações com ambientes socioculturais vêm ganhando atenção nas discussões mais atuais (ACHKAR; YUNES, 2019; CABRAL; CYRULNIK, 2015; OLIVEIRA; MASTEN, 2018; MORAIS, 2018). Entretanto, independentemente da forma como se defina o fenômeno, é de consenso que só se conceba resiliência diante do risco percebido, pois sem a presença de situações ameaçadoras não se identificam desafios a serem enfrentados, superados e, conseqüentemente, transformados em resultados positivos. Sendo assim, resiliência pode ser estudada com foco no indivíduo, em famílias, em profissionais, em comunidades e em ambientes organizacionais entre outras possíveis dimensões. Mas o que é consenso na maioria dos estudos? É consenso que resiliência é um construto que apresenta uma ênfase salutogênica sintonizada ao referido movimento conhecido como Psicologia Positiva. Dessa forma, encontram-se as interfaces com a prática de proteção, gestão positiva de recursos psicossociais e promoção de saúde.

Nessa mesma perspectiva, estudar processos e possibilidades de promoção de resiliência comunitária, além de ser um tema que se insere no movimento da Psicologia Positiva, tem sua importância na construção de práticas profissionais sociais positivas como resultado de sucesso coletivo de movimentos sociais em comunidades. Portanto, trata-se de construir um olhar direcionado para os aspectos sadios, de desenvolvimento e de bem-estar dos grupos.

II. Resiliência: Considerações Sobre O Conceito

O conceito de resiliência foi adotado nas ciências sociais para se referir a indivíduos ou populações que, apesar de viverem em condições adversas, são capazes de não apenas superar, mas ressignificar, de forma positiva, diferentes contextos. Na Europa, Estados Unidos e Canadá é frequente o uso da palavra resiliência. Já no Brasil, seu uso coloquial ou acadêmico ainda provoca estranhamento principalmente no contexto das Ciências Humanas e Sociais. Originário da Física, o conceito de resiliência refere-se à capacidade de um material absorver tensão ou calor extremo sem sofrer deformações permanentes (GODOY et al., 2010; YUNES, 2003; YUNES, 2016). Em Psicologia, os estudos datam um pouco mais de vinte anos e ainda é ampla e diversificada a quantidade de definições e enfoques. É importante pontuar que resiliência é um construto do campo de investigações dos

cientistas partidários da Psicologia Positiva, movimento que tem como foco a construção de percepções que sublinham as virtudes humanas (CAMALIONTE; BOCCALANDRO, 2017). Este movimento científico e acadêmico apresenta apontamentos da Psicologia na contemporaneidade que buscam a compreensão dos aspectos salutogênicos dos indivíduos em oposição à psicologia tradicionalmente voltada para a compreensão das psicopatologias. Não se deve entender com isso que a Psicologia tenha que desconsiderar as doenças psíquicas e seus sintomas, mas que venham a construir uma ciência psicológica que investigue tanto o que faz sofrer quanto o que causa felicidade, assim como o diálogo entre estas duas dimensões humanas (SELIGMAN; STEEN; PARK; PETERSON, 2005; YUNES, 2011).

Sendo assim, consideramos a resiliência como um processo dinâmico, onde ocorrem relações entre vários níveis ecológicos do ambiente ao qual a pessoa se desenvolve ao longo do tempo (CABRAL; CYRULNIK, 2015; MASTEN, 2014; 2018; OLIVEIRA; MORAIS, 2018; YUNES, 2015). Níveis estes que influenciam em sua capacidade de adaptação de maneira vitoriosa e funcional, apesar de experimentar o estresse e as adversidades cotidianamente (MASTEN, 2014; 2018; YUNES, 2015).

De acordo com Monroy e Palacios (2011), o processo resiliente pode gerar três cenários de resposta: uma evolução melhor que o esperado; manutenção da adaptação positiva apesar das experiências estressantes; e uma boa recuperação após trauma. No entanto, o que é considerado uma adaptação positiva será determinado pelo contexto cultural ao qual a pessoa pertence e pelos fatores de proteção disponíveis em seu sistema social.

Apesar de a resiliência poder se manifestar através de um resultado individual, a sua origem advém de um processo relacional ou coletivo (NOLTEMEYER; BUSH, 2013; UNGAR, 2011). Esse processo está aberto a mudanças, pois o indivíduo pode agir com resiliência em um determinado momento ou situação e não em outro, além de mostrar uma adaptação em determinados domínios ou indicadores, mas não em todos (CABRAL; CYRULNIK, 2015; FLETCHER; SARKAR, 2013; RUTTER, 2012). O fato de o comportamento resiliente coexistir com a presença de sofrimento psicológico é a constatação de que resiliência não implica em invulnerabilidade (RANGEL; MONREAL; RAMSEY, 2016).

Nessa direção, dada a exposição crônica à violência comunitária, a resiliência pode ser favorecida por recursos pessoais, como estratégias de enfrentamento (ALMANZA-AVENDAÑO; LUIS; GURROLA-PEÑA, 2018) ou espiritualidade (JONES, 2007), pontos fortes da família em relação ao seu funcionamento (WALSH, 2003; YUNES, 2011) a presença de redes de apoio na escola e na comunidade (ACHKAR et al., 2017) e a promoção de valores comunitários como respeito ou personalismo (ALMANZA-AVENDAÑO; LUIS; GURROLA-PEÑA, 2018). No entanto, estratégias de enfrentamento, apoio social e funcionamento da família têm um nível limitado de proteção quando há alta exposição à violência comunitária (ROSARIO et al., 2008).

De acordo com Grych e Hamby (2015), os recursos associados às redes de apoio, aos fatores ambientais e aos pontos fortes (regulatórios e interpessoais para a construção de sentido) de uma pessoa, que variam através do desenvolvimento da mesma, podem amortecer ou até mesmo blindar o impacto da violência na saúde psicológica, em termos de bem-estar, afeto, competências ou sintomatologia. Além disso, a exposição a níveis administráveis de estresse promove o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento que permitem ao sujeito lidar com eventos negativos no futuro (FERGUS; ZIMMERMAN, 2005; UNGAR, 2011).

III. Resiliência Em Famílias

Como já apontado, os estudos sobre resiliência concentraram-se, sobretudo, no nível individual, em situações específicas, mas há um construto mais recente do que a resiliência com foco no indivíduo e que vem recebendo atenção específica nos últimos anos: Resiliência em famílias. Tanto no Brasil, como no exterior, os estudiosos da resiliência em famílias vêm difundindo com frequência e intensidade seus argumentos.

Pesquisas teóricas, metodológicas e intervencionistas (DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2006; GARCIA; YUNES, 2006; LIBÓRIO; CASTRO; COELHO, 2006; NASCIMENTO; YUNES, 2023; WALSH, 2003, 2005; YUNES, 2003; YUNES, 2006; YUNES, 2011; YUNES; SZYMANSKI, 2005, entre outros) apontam que inúmeros pensadores deste tema reconhecem ser necessário revisar as investigações a respeito da resiliência com foco no indivíduo e reconsiderar as contribuições da família para o desenvolvimento psicológico da saúde e do bem-estar individual e social (NASCIMENTO; YUNES, 2023; RUTTER, 1985; YUNES, 2003; YUNES, 2011; YUNES; SZYMANSKI, 2001). É uma realidade que em tempos distintos, regiões e culturas os estudos sobre família vêm dando ênfase as deficiências e aos aspectos negativos do convívio familiar (NASCIMENTO; YUNES, 2023; YUNES, 2003; YUNES, 2011; YUNES; GARCIA; ALBUQUERQUE, 2007). Desta forma, o interesse pela resiliência familiar vem contribuir para reverter esse ciclo de raciocínio e trazer o foco para os aspectos sadios e de sucesso do mundo das relações familiares. Contudo, ainda existem inúmeras faces deste construto em processos iniciais de investigação.

Foi ao final dos anos 80 que as questões sobre coping, competência, desafios e adaptação do grupo familiar começaram a ser divulgadas. Até então, os autores definiam famílias resilientes enquanto aquelas que possuíam resistência aos problemas decorrentes de mudanças e desenvolviam um sistema de adaptação mediante as situações de crise (MCCUBBIN; MCCUBBIN, 1988; YUNES, 2011). McCubbin e McCubbin (1988)

chegaram a conclusão que havia quatro tipos de famílias: vulneráveis, seguras, duráveis e regenerativas, essas formas de como a unidade familiar lidava com as situações iria depender e variar de acordo com a função do relacionamento entre os membros (YUNES, 2011). Além disso, os autores traçaram a relevância de se olhar para a família, sem anular a sua inserção ecológica, ou seja, suas relações com a comunidade, e a importância do incentivo às políticas públicas de programas de apoio e proteção às famílias (NASCIMENTO; YUNES, 2023).

Froma Walsh (2003; 2005) foi a pioneira na construção de um modelo teórico ao propor que fossem estudados processos-chave da resiliência em famílias, os quais fundamentam a proposta de análise de “funcionamento familiar efetivo”. A autora elaborou seus conhecimentos na área de forma a propor um panorama conceitual de resiliência em três domínios: sistema de crenças da família, padrões de organização e processos de comunicação (NASCIMENTO; YUNES, 2023; YUNES, 2003; YUNES, 2006; WALSH, 2003; 2005). Segundo esta mesma autora, estes processos podem se organizar e se expressar de variadas formas e níveis, pois servem a diversificadas constelações, valores, recursos e desafios aos núcleos familiares (YUNES, 2011). Além de afirmar que o sistema de crenças é o coração e a alma da resiliência (NASCIMENTO; YUNES, 2023; WALSH, 2005; YUNES, 2003).

De acordo com Walsh (2003; 2005), as famílias consideradas resilientes constroem um sistema de crenças que as auxilia a recuperação e ao desenvolvimento de ferramentas de manejo para com as dificuldades. O modelo teórico-clínico de resiliência familiar desenvolvido por Walsh (2005) é caracterizado por uma mudança de foco, de disfunção e limitações das famílias e indivíduos às capacidades engenhosas, ou seja, saem da patologia para a funcionalidade, e de uma situação problemática para a ressignificação e possibilidades.

Walsh (2005), enquanto uma das especialistas que desenvolveu o conceito de resiliência em família, expressa uma importante declaração ao dizer que a estrutura da resiliência familiar é construída através da teoria dos sistemas familiares, nada mais sendo do que uma combinação de perspectivas ecológicas e de desenvolvimento. A perspectiva é usada para se perceber as funções exercidas pela família em relação a contextos socioculturais e círculos multidimensionais da vida familiar.

Consolidando com essa abordagem, Bronfenbrenner (1979) afirma perceber essas funções e combinações de perspectivas ecológicas e de desenvolvimento sendo apoio não somente às famílias, mas também aos grupos de pares, grupos escolares ou de trabalho, pois para esse teórico, os diversos sistemas ecológicos podem ser vistos como um meio de visualizar a competência social. Essa competência social por sua vez ajudará o indivíduo a resolver os problemas ou crises enfrentados (ACHKAR, 2019; COIMBRA; FONTAINE, 2015).

Atributos da resiliência comunitária

Para o contexto da América Latina, onde se originou e é amplamente divulgado, outro foco de estudos a respeito do fenômeno da resiliência tem sido a comunidade. A resiliência comunitária, como é comumente chamada nos países latino-americanos, tem nos permitido analisar os diferentes recursos, meios e estratégias que coletivos familiares ou grupos culturais usam para enfrentar e superar ameaças sócio-políticas ou naturais (LÓPEZ-BRACAMONTE; LIMÓN-AGUIRRE, 2017).

Os autores Melillo e Ojeda (2005), com um enfoque psicossocial, propõem cinco capacidades sociais como pilares de resiliência comunitária: autoestima coletiva, identidade cultural, humor social, honestidade estatal e solidariedade. Esses pilares se refletem nas situações cotidianas, devido à força dos aspectos culturais. No entanto, o pilar da honestidade social representado pelo Estado e pelas instituições é problemático e ausente em muitos casos.

Norris et al., (2008) reforçam que o capital social, o desenvolvimento econômico, as habilidades da comunidade, a informação e a comunicação eficaz contribuem decisivamente para a resiliência da comunidade quando as populações enfrentam desastres naturais. Outra capacidade social, embora menos analisada em estudos de resiliência comunitária, refere-se ao pensamento crítico coletivo (LÓPEZ-BRACAMONTE; LIMÓN-AGUIRRE, 2017; RIBEIRO ; YUNES; ACHKAR, 2024). De acordo com Melillo (2006) e Estermann (2009), essa capacidade, que envolve aspectos psicossociais e sociopolíticos, destacados por estudos de descolonização do pensamento, não aceita o status quo social como um destino inexorável. Ao contrário de determinismos e fatalismos, essa capacidade permite ressignificar os eventos violentos sofridos, analisando os contextos em que ocorreram, redimensionando as causas e consequências, bem como as responsabilidades dos participantes (ACHKAR; YUNES, 2020; LÓPEZ-BRACAMONTE; LIMÓN-AGUIRRE, 2017).

De acordo com Lopez e Morata (2015), as experiências vitais nas quais dependem a capacidade dos seres humanos de enfrentar as adversidades são muitas e distintas umas das outras. No entanto, estes mesmos autores dizem que a interação com os demais e o sentimento de pertencimento à comunidade são variáveis transversais a todos eles e fazem parte dos fatores de proteção identificados nos diferentes contextos em que a resiliência foi até o momento investigada.

Para os mesmos autores acima citados, essa dimensão comunitária se torna fundamental para a compreensão do conceito de resiliência, cuja essência é entendida a partir de duas tensões ou equilíbrios: primeiro, o equilíbrio entre realismo e esperança, que se refere à atitude em relação à complexidade da vida; segundo, o

equilíbrio entre resistência e capacidade de transformação, que se relaciona com a forma como as pessoas empreendem seus recursos diante do risco para lidar com essa complexidade.

Tanto a atitude do realismo esperançoso (ou esperança realista) diante da complexidade da vida quanto a posição aberta para resistir ou transformar antes que ela exija, devem ser totalmente compreendidas e fortalecidas, a partir de uma perspectiva da comunidade (LOPEZ; MORATA, 2015). Nesta perspectiva, o apoio social se revela como uma variável fundamental para entender o desenvolvimento da resiliência.

Sob este prisma, Lopez e Morata (2015) retratam em seus estudos que dificilmente haverá resiliência individual sem a tecitura comunitária. Estes mesmos autores vão nos dizer que a possibilidade da cura do núcleo mais íntimo de apoio social (família e amigos) se torna necessariamente aprimorado e nutrido pelas interações sociais e pelo senso de pertencimento à comunidade, particularmente se essa é uma comunidade que fornece experiências significativas relacionadas ao respeito à diversidade e a justiça social.

Em observância a toda essa dinâmica, está claro que o fenômeno da resiliência é visto enquanto uma realidade humana que propõe uma mudança de olhar, uma revisão de crenças. Ao passo que é compreendido enquanto um conjunto de processos que possibilitam pessoas, grupos ou comunidades a não apenas enfrentarem, suportarem e superarem as crises/adversidades prolongadas, mas criarem, aprenderem, ressignificarem e transformarem a si mesmos e seus ambientes com consequente fortalecimento, empoderamento e renovação de recursos, sejam estes pessoais, coletivos e/ou culturais (RIBEIRO; YUNES; ACHKAR, 2024; Yunes, 2015).

Neste momento, nos deparamos com um desafio conceitual e metodológico a ser enfrentado: a resiliência e a saúde comunitária a partir das percepções acerca das identidades e papéis dos profissionais e a necessidade de propor intervenções promotoras de resiliência profissional por meio de desenvolvimento de habilidades de tutoria de resiliência (COSTA; YUNES; ACHKAR; PEREIRA, 2024). Dessa forma, se faz necessário não apenas falarmos de resiliência, mas de pensarmos em uma prática socioeducativa, com foco na promoção dos fatores protetivos que a constroem.

O dinamismo interacional dos riscos na presença de mecanismos de proteção atestam as habilidades de superação de situações de vulnerabilidade, muitas vezes julgadas a partir de (pré) conceitos injustos ou crenças pessimistas sobre saúde psicológica e qualidade de vida (YUNES, 2011). Os fatores de proteção encontrados na história dos indivíduos, das famílias e das comunidades referem-se ao senso de coesão, a um trabalho conjunto, através de comportamentos altruístas e de relações sociais compartilhadas, identificado pela união entre os membros, formação de identidade e conexão comunitária, além do vínculo com o lugar, com os líderes e o desempenho nas tomadas de decisão; o olhar positivo, ou seja, a forte crença na perspectiva de melhoria das condições de vida futura; e, a consciência política dos direitos como cidadãos e a disposição para reivindicação dos mesmos (MÉNDEZ, 2010; YUNES, 2011).

IV. As Teorias Implícitas Ou Crenças Dos Profissionais E Agentes Sociais A Respeito De Populações Em Situação De Vulnerabilidade

Com este enfoque, surgem as teorias implícitas, que são representações mentais que formam parte do sistema de conhecimento dos indivíduos com base no acúmulo de experiências pessoais oriundas do contato com práticas culturais e formas de interação social (YUNES, 2011). Outras terminologias, tais quais sistemas de crenças, esquemas ou ideologias, podem ser usadas para explicar esse conhecimento de natureza social.

Em geral, todos os termos remetem a um conjunto relativamente homogêneo e racional de ideias, conceitos, imagens, normas, valores e produtos culturais. Os indivíduos ou grupos sociais que sustentam determinadas teorias implícitas deixam transparecer a sua relação com a realidade social através de comportamentos orientados pelo conteúdo de suas ideias.

Com o objetivo de conhecer as crenças e teorias dos profissionais e agentes sociais que lidam com populações em situação de vulnerabilidade em municípios do Sudeste (RJ) do Brasil, uma equipe de pesquisadores do CRAFPAS, Centro de Referência e Atenção às Famílias, Profissionais e Agentes Sociais da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), vêm desenvolvendo pesquisas e implementando programas de intervenção psicoeducacional positiva com foco em promoção de resiliência. Programas de intervenção psicoeducacional positiva com foco em promoção de resiliência são escassos e pouco estudados no Brasil.

As propostas têm por foco investigar o impacto do desenvolvimento de um conjunto de estratégias de preparo, capacitação e formação prévia dos profissionais como dinamizadores/mediadores, “tutores de resiliência” e promotores de práticas positivas de atenção e cuidado. Os conceitos resiliência profissional e “tutores de resiliência” se referem aos processos dinâmicos que possibilitam que profissionais (como uma unidade/em equipe) lidem com, superem, inovem e transformem circunstâncias, eventos, conflitos ou adversidades que são geradas por diferentes condições de dificuldades no ambiente de trabalho (COSTA; YUNES; ACHKAR; PEREIRA, 2024; PISKE; BERSCH; YUNES, 2017). Conforme demonstrado por estudos nacionais e internacionais, a eficácia dos programas de intervenção psicoeducativos está intimamente ligada à formação/capacitação dos profissionais facilitadores ou mediadores dos referidos projetos. Os pressupostos metodológicos do modelo bioecológico e experiencial são adotados pelo CRAFPAS/UNIVERSO para embasar suas pesquisas e propostas de intervenção.

A partir dos resultados obtidos, pode-se discutir os elementos e fatores de impacto destas mesmas intervenções nas interações micro, meso, exo e macrosistêmicas dos contextos e populações investigados. Além disso, pode-se pautar desenhos metodológicos para intervenções em instituições distintas, consideradas espaços de desenvolvimento humano, a exemplo de hospitais, instituições de reabilitação, residências universitárias, universidades, escolas de educação básica entre outras, para profissionais sociais que atuem com populações de risco psicossocial. As investigações promovidas pelo CRAFPAS/UNIVERSO possuem o potencial de colaborar com uma maior compreensão conceitual e metodológica ao fenômeno da resiliência nas dimensões: individual, familiar, comunitária e profissional em equipes de trabalhadores que atuem em cotidianos de adversidade, outro tema ainda pouco estudado na realidade brasileira, o que poderá gerar subsídios para políticas sociais de apoio aos trabalhadores tanto da educação quanto da saúde.

V. Conclusão

Cabe mencionar que os conhecimentos acerca de resiliência não chegam a constituir uma teoria (ACHKAR; YUNES, 2020; RUTTER, 1985; 2012). Vale acrescentar a importância de estudar as interfaces do fenômeno de resiliência com outros construtos positivos como o bem-estar, emoções positivas, otimismo, gratidão e felicidade.

A pesquisa acerca dos construtos acima mencionados tem contribuído para implementar crenças mais otimistas sobre a saúde e o desenvolvimento humano. Essa é a grande questão que permeia as investigações sobre resiliência em uma ciência psicológica que colabore para construir crenças mais otimistas e focadas nas possibilidades, competências e potenciais dos seres humanos. Em outras palavras, compreender o desenvolvimento humano positivo e saudável mesmo diante de situações adversas. E sendo assim, se há colaboração para implementar essas crenças, há colaboração também para desconstruir atitudes e práticas sociais negativas.

Para finalizar, como fora apresentado na introdução, este artigo apresentou questões teóricas sobre resiliência sob o escopo da Psicologia Positiva. Na sequência, apresentou-se como o sistema de crenças pode favorecer ou prejudicar a promoção de processos de resiliência em indivíduos e suas coletividades e, por último, de que forma propostas de intervenção, a partir da formação de profissionais e agentes sociais, podem acarretar um resultado positivo e coletivo de movimentos sociais em comunidades por colaborarem positivamente com a existência de um conjunto equânime de indivíduos e de contextos que ofereçam de forma contundente proteção e desenvolvimento humano diante aos riscos, adversidades e fatalidades da vida.

Portanto, no campo da saúde comunitária, o conceito de resiliência pode ter sua relevância ancorada na formação e no preparo de profissionais que trabalhem com populações em situação de risco. Então, considera-se que esse diálogo pode ser uma porta de abertura para os debates sobre políticas públicas de saúde que tenham como alvo discutir práticas de bons tratos que possam garantir os direitos fundamentais a saúde e ao desenvolvimento pessoal, familiar e comunitário de populações em situações de risco psicossocial.

Referências

- [1]. Achkar, A. M. N. E.; Yunes, M. A. M. Considerações Teóricas Sobre Resiliência Comunitária E Os Indicadores De Saúde Comunitária. In: Sarriera, J.C.; Rocha, K. B.; Inzunza, J. A.; Silva, R. B. (Orgs). Bem-Estar E Saúde Comunitária. Curitiba, Pr, Appris, P. 37-50, 2020.
- [2]. _____. Resiliência, Ferramenta Para Uma Educação De Qualidade. Curitiba: Appris. 2ª Edição, 2019.
- [3]. _____. Et Al. Risco E Proteção De Estudantes Durante Os Anos Finais Do Ensino Fundamental. Psicologia Escolar E Educacional, Maringá, V. 21, N. 3, P. 417- 426, Dez. 2017. [Http://Dx.Doi.Org/10.1590/2175-35392017021311151](http://Dx.Doi.Org/10.1590/2175-35392017021311151)
- [4]. Almanza-Avenida, A. M., Luis, A. H. G., Gurrola-Peña, G. M. Victimización, Resiliencia Y Salud Mental De Estudiantes De Universidad En Tamaulipas, México. Revista Latinoamericana De Ciencias Sociales, Niñez Y Juventud, V. 16, N.1, P. 345-360, 2018. [Https://Sseditora.Com.Br/Wp-Content/Uploads/Ciencias-Biologicas-E-Da-Saude-Pesquisas-Basicas-E-Aplicadas-2-3.Pdf](https://Sseditora.Com.Br/Wp-Content/Uploads/Ciencias-Biologicas-E-Da-Saude-Pesquisas-Basicas-E-Aplicadas-2-3.Pdf)
- [5]. López-Bracamonte, F. M.; Limón-Aguirre, F. Componentes Del Proceso De Resiliencia Comunitaria: Conocimientos Culturales, Capacidades Sociales Y Estrategias Organizativas. Psiencia. Revista Latinoamericana De Ciencia Psicológica, V. 9, 2017. Doi: 10.5872/Psiencia/9.3.61. [Http://Dx.Doi.Org/10.5872/Psiencia/9.3.61](http://Dx.Doi.Org/10.5872/Psiencia/9.3.61)
- [6]. Bronfenbrenner, U. The Ecology Of Human Development: Experiments By Nature And Design, Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1979.
- [7]. Cabral, S. S.; Cyrulnik, B. Resiliência: Como Tirar Leite De Pedra. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2015.
- [8]. Camalione, L. G.; Bocalandro, M. P. R. Felicidade E Bem-Estar Na Visão Da Psicologia Positiva. Boletim - Academia Paulista De Psicologia, São Paulo, V. 37, N. 93, P. 206-227, 2017. [Https://Pepsic.Bvsalud.Org/Pdf/Bapp/V37n93/V37n93a04.Pdf](https://Pepsic.Bvsalud.Org/Pdf/Bapp/V37n93/V37n93a04.Pdf)
- [9]. Coimbra, S. M. G.; Fontaine, A. M. V. G. Resiliência E Habilidades Sociais: Reflexões Conceituais E Práticas Para Uma Nova Geração. In: Del Prette, Z. A.P. (Ed.). Habilidades Sociais, Diálogos E Intercâmbios Sobre Pesquisa E Prática. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. P. 186-220.
- [10]. Corado, J. Et Al. Extensión En Ciencias De La Salud. Polis, Revista Latinoamericana, V. 13, N. 39, P. 331-346, 2014. [Http://Dx.Doi.Org/10.4067/S0718-65682014000300015](http://Dx.Doi.Org/10.4067/S0718-65682014000300015)
- [11]. De Antoni, C., Barone, L. R. & Koller, S. H. Violência E Pobreza: Um Estudo Sobre Vulnerabilidade E Resiliência Familiar. In: Dell'aglio, D. D.; Koller, S. H.; Yunes, M. A. M. (Orgs.) Resiliência E Psicologia Positiva: Interfaces Do Risco À Proteção, São Paulo: Casa Do Psicólogo, P. 141-171, 2006.
- [12]. Estermann, J. Colonialidad, Descolonización E Interculturalidad: Apuntes Desde La Filosofía Intercultural. In: Interculturalidad Crítica Y Descolonización. Fundamentos Para El Debate. Bolivia: Instituto Internacional De Integración Del Convenio Andrés Bello (Iii-Cab)/Instituto Internacional De Integración, 2009.

- [13]. Fergus, S.; Zimmerman, M. A. Adolescent Resilience: A Framework For Understanding Healthy Development In The Face Of Risk. *Annual Review Of Public Health*, Palo Alto, Ca, V. 26, N. 1, P. 399-419, 2005. [Http://Dx.Doi.Org/10.1146/Annurev.Publhealth.26.021304.144357](http://Dx.Doi.Org/10.1146/Annurev.Publhealth.26.021304.144357)
- [14]. Garcia, N. M. & Yunes, M. A. M. Resiliência Familiar: Baixa Renda E Monoparentalidade. In: Dell'aglio, D. D.; Koller, S. H.; Yunes, M. A. M. (Orgs.) *Resiliência E Psicologia Positiva: Interfaces Do Risco À Proteção*, São Paulo: Casa Do Psicólogo, P. 117-140, 2006.
- [15]. Godoy, K. A. B. Avaliação Da Resiliência Em Escolares Do Ensino Médio. *Mudanças – Psicologia Da Saúde*, São Bernardo Do Campo, Sp, V. 18, N. 1-2, Jan./Dez. 2010. Doi: [Http://Dx.Doi.Org/10.15603/2176-1019/Mud.V18n1-2p79-902010](http://Dx.Doi.Org/10.15603/2176-1019/Mud.V18n1-2p79-902010).
- [16]. Grych, J., & Hamby, S. The Resilience Portfolio Model: Understanding Healthy Adaptation In Victims Of Violence. *Psychology Of Violence*, 5(4), 343-354, 2015. [Http://Doi.Org/10.1037/A0039671](http://Doi.Org/10.1037/A0039671)
- [17]. Jones, J. Exposure To Chronic Community Violence: Resilience In African American Children. *Journal Of Black Psychology*, V. 33, N. 2, 125-149, 2007. [Http://Doi.Org/10.1177/0095798407299511](http://Doi.Org/10.1177/0095798407299511)
- [18]. Libório, R. M. C., Castro, B. M. De & Coelho, A. E. Desafios Metodológicos Para A Pesquisa Em Resiliência: Conceitos E Reflexões Críticas. In: Dell'aglio, D. D.; Koller, S. H.; Yunes, M. A. M. (Orgs.) *Resiliência E Psicologia Positiva: Interfaces Do Risco À Proteção*, São Paulo: Casa Do Psicólogo, P. 89-115, 2006.
- [19]. Loureiro, I.; Miranda, N.; Miguel, J. M. P. Promoção Da Saúde E Desenvolvimento Local Em Portugal: Refletir Para Agir. *Revista Portuguesa De Saúde Pública*, V. 31, N.1, P. 23-31, 2013. [Http://Dx.Doi.Org/10.1016/J.Rpsp.2013.03.001](http://Dx.Doi.Org/10.1016/J.Rpsp.2013.03.001)
- [20]. Masten, A. S. Resilience Theory And Research On Children And Families: Past, Present, And Promise. *Journal Of Family Theory & Review*, V. 10, N. 1, P. 12-31, 2018. [Https://Doi.Org/10.1111/Jftr.12255](https://Doi.Org/10.1111/Jftr.12255)
- [21]. Macció, S. R. A Construção Da Saúde Segundo A Perspectiva Da Relação Universidade-Comunidade. A Figura Do “Operador De Bairro” Como Articuladora. In: Sarriera, J.C. (Org.), *Saúde Comunitária – Conhecimentos E Experiências Na América Latina*. Porto Alegre, Rs: Sulina, P. 135-153, 2011.
- [22]. Melillo, O.; Ojeda, E. N. S. Resiliência: Descobrimos As Próprias Fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- [23]. _____. *Realidad Social, Psicoanálisis Y Resiliencia*. En: *Resiliencia Y Subjetividad*. Los Ciclos De La Vida. Melillo, Suárez Y Rodríguez Comp. Argentina: Paidós/Tramas Sociales, 2006.
- [24]. Méndez, M.T. Et Al. Resiliencia Comunitaria Y Sentido De Comunidad Durante La Respuesta Y Recuperación Al Terremoto Tsunami Del Año 2010, Talcahuano-Chile. *Revista De Estudios Latinoamericanos Sobre Reducción Del Riesgo De Desastres Reder*, V. 2, N. 1, P. 21-37, 2018. [Https://Doi.Org/10.55467/Reder.V2i1.9](https://Doi.Org/10.55467/Reder.V2i1.9)
- [25]. Mccubbin, H. I. & Mccubbin, M. A. Typologies Of Resilient Families: Emerging Roles Of Social Class And Ethnicity. *Family Relations*, V. 37, P. 247-254, 1988. [Https://Doi.Org/10.2307/584557](https://Doi.Org/10.2307/584557)
- [26]. Monroy, B.; Palacios, L. Resiliencia: ¿Es Posible Medirla E Influir En Ella? *Salud Mental*, 34, 237-246, 2011. [Https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0185-33252011000300007&script=sci_abstract](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0185-33252011000300007&script=sci_abstract)
- [27]. Noltemeyer, A. L.; Bush, J. R. Adversity And Resilience: A Synthesis Of International Research. *School Psychology International*, Miami, V. 34, N. 2, P. 474-487, 2013. [Http://Dx.Doi.Org/10.1177/0143034312472758](http://Dx.Doi.Org/10.1177/0143034312472758)
- [28]. Norris, F. H. Et Al. Community Resilience As A Metaphor, Theory, Set Of Capacities, And Strategy For Disaster Readiness. *American Journal Of Community Psychology*, Medford, Ma, V. 41, N. 1-2, P. 127-150, Mar. 2008. [Http://Dx.Doi.Org/10.1007/S10464-007-9156-6](http://Dx.Doi.Org/10.1007/S10464-007-9156-6)
- [29]. Oliveira, A. T. C.; Morais, N. A. Resiliência Comunitária: Um Estudo De Revisão Integrativa Da Literatura. *Trends Psychol*, Ribeirão Preto, V. 26, N. 4, P. 1731-1745, 2018. [Https://www.scielo.br/J/Tpsy/A/Hmbfr7yyyyqbmzyjxqgpf/?Format=Pdf](https://www.scielo.br/J/Tpsy/A/Hmbfr7yyyyqbmzyjxqgpf/?Format=Pdf)
- [30]. Piske, E.L.; Bersch, A.A.; Yunes, M.A.M. Children's Perceptions Of The Relational And Educational Practices At Shelter Institutions. In: Dell'aglio D.D.; Koller S.H. (Eds.), *Vulnerable Children And Youth In Brazil: Innovative Approaches From The Psychology Of Social Development*. Springer International Publishing, P.191-210, 2017.
- [31]. Rangel, J.A.; Monreal, L.A.; Ramsey, J.M. Community Resilience And Chagas Disease In A Rural Region Of Mexico. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, V.50, 2016. [Http://Dx.Doi.Org/10.1590/S1518-8787.2016050005911](http://Dx.Doi.Org/10.1590/S1518-8787.2016050005911)
- [32]. Silva, A.R, Yunes, M.A.M., & Achkar, A.M.N.E. (2024). Resiliência Comunitária Em Contextos De Pandemias E Epidemias: Uma Revisão Integrativa. *Remea - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, V. 41, N.1, P. 317-340. [Https://doi.org/10.14295/Remea.V41i1.15251](https://doi.org/10.14295/Remea.V41i1.15251)
- [33]. Rosario, M., Salzinger, S., Feldman, R., & Ngmak, R. Intervening Processes Between Youths' Exposure To Community Violence And Internalizing Symptoms Over Time: The Roles Of Social Support And Coping. *American Journal Of Community Psychology*, V. 41, P. 43-62, 2008. [Http://Doi.Org/10.1007/S10464-007-9147-7](http://Doi.Org/10.1007/S10464-007-9147-7)
- [34]. Rutter, M. Resilience In The Face Of Adversity: Protective Factors And Resistance To Psychiatric Disorder. *British Journal Of Psychiatry*, V. 147, P. 598-611, 1985. [Http://Doi.Org/10.1192/Bjpp.147.6.598](http://Doi.Org/10.1192/Bjpp.147.6.598)
- [35]. _____. Resilience As A Dynamic Concept. *Development And Psychopathology*, Cambridge, V. 24, N. 2, P. 335-344, May. 2012. [Http://Doi.Org/10.1017/S0954579412000028](http://Doi.Org/10.1017/S0954579412000028).
- [36]. Saforcada, E. *Salud Comunitaria, Gestión De Salud Positiva Y Determinantes Sociales De La Salud Y La Enfermedad*. Aletheia, V. 37, P.7-22, 2012. [Https://licrebarrios.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/Salud-Comunitaria-Saforcada-E-Libro.Pdf](https://licrebarrios.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/Salud-Comunitaria-Saforcada-E-Libro.Pdf)
- [37]. Sarriera, J.C. Desafios Atuais Da Saúde Comunitária No Brasil. In: Sarriera, J.C. (Org.), *Saúde Comunitária – Conhecimentos E Experiências Na América Latina*. Porto Alegre, Rs: Sulina, P. 246-257, 2011.
- [38]. Seligman, M. E. P.; Steen, T. A.; Park, N.; Peterson, C. Positive Psychology Progress: Empirical Validation Of Interventions. *American Psychologist*, V. 60, N.5, 410-421, 2005. [Https://Doi.Org/10.1037/0003-066x.60.5.410](https://Doi.Org/10.1037/0003-066x.60.5.410)
- [39]. Ungar, M. The Social Ecology Of Resilience: Addressing Contextual And Cultural Ambiguity Of A Nascent Construct. *American Journal Of Orthopsychiatry*, Washington, V. 81, N. 1, P. 1-17, 2011. [Https://Doi.Org/10.1111/J.1939-0025.2010.01067](https://Doi.Org/10.1111/J.1939-0025.2010.01067)
- [40]. _____. Family Resilience: Framework For Clinical Practice. *Family Process*, V. 42, N.1, P. 1-18, 2003. [Https://Doi.Org/10.1111/J.1545-5300.2003.00001](https://Doi.Org/10.1111/J.1545-5300.2003.00001)
- [41]. _____. *Fortalecendo A Resiliência Familiar*. São Paulo: Editora Roca, 2005.
- [42]. Yunes, M.A.M. Psicologia Positiva E Resiliência: O Foco No Indivíduo E Na Família. *Psicologia Em Estudo*, Maringá, V. 8, N. Especial, P. 75-84, 2003. [Https://Doi.Org/10.1590/S1413-73722003000300010](https://Doi.Org/10.1590/S1413-73722003000300010)
- [43]. _____. As Teorias Implícitas De Agentes Sociais Sobre Famílias Pobres: Intervir Com Foco Na Resiliência Em Família. In: Almeida, A.T.; Fernandes, N. (Orgs.) *Intervenção Com Crianças, Jovens E Famílias*. Estudos E Práticas. Minho: Almedina, 2011.
- [44]. _____. Dimensões Conceituais Da Resiliência E Suas Interfaces Com Risco E Proteção. In: Murta, S. G. Et Al. (Orgs.) *Prevenção E Promoção Em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento E Estratégias De Intervenção*. Novo Hamburgo: Synopsis, P. 93-112, 2015.
- [45]. _____. Garcia, N. M.; Albuquerque, B.M. Monoparentalidade, Pobreza E Resiliência: Entre As Crenças Dos Profissionais E As Possibilidades Da Convivência Familiar. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, V.20, N.3, P.444-453, 2007. [Https://Doi.Org/10.1590/S0102-79722007000300012](https://Doi.Org/10.1590/S0102-79722007000300012)

- [46]. _____. Szymansky, H. Resiliência: Noção, Conceitos Afins E Considerações Críticas. In: Tavares, J. (Org.). Resiliência E Educação. São Paulo: Cortez, 2001. P. 13-42.
- [47]. _____. Resiliência. In.: Fernandes, Rosa M. Castillos; Hellmann, Aline (Orgs.). Dicionário Crítico: Política De Assistência Social No Brasil. Porto Alegre: Ufrgs, 2016. P. 238-241. (Coleção Cegov).
- [48]. _____. Szymansky, H. Entrevista Reflexiva E Grounded-Theory: Estratégias Metodológicas Para Compreensão Da Resiliência Em Famílias. Revista Interamericana De Psicologia, V.39, N.3, P.439-431, 2005. [Http://Doi.Org/10.18682/Pd.V7i0.431](http://Doi.Org/10.18682/Pd.V7i0.431)
- [49]. Zolkoski, S. M.; Bullock, L. M. Resilience In Children And Youth: A Review. Children And Youth Services Review Journal, Bethesda, Ma, V. 34, N. 12, P. 2295-2303, 2012. [Http://Doi.Org/10.1016/J.Childyouth.2012.08.009](http://Doi.Org/10.1016/J.Childyouth.2012.08.009)